

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

LUIZ ANTONIO MACHADO DA SILVA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Encontros Etnográficos e Antropologia em Rede: a favela do Jacarezinho e a pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960.

Entrevistado – Luiz Antônio Machado da Silva (J)

Entrevistadoras – Rachel Viana (R) e Nísia Trindade (NT) (2ª entrevista)

Datas – 14/08/2017 (1h05min) e 07/05/2018 (1h42min)

Local – São Paulo/SP

Duração – 2h47min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SILVA, Luiz Antônio Machado da. *Luiz Antônio Machado da Silva. Entrevista de história oral concedida ao projeto Encontros Etnográficos e Antropologia em Rede: a favela do Jacarezinho e a pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960.* 2017 e 2018. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 29p.

Projeto: Encontros Etnográficos e Antropologia em Rede: a favela do Jacarezinho e a pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960.

Entrevistado – Luiz Antônio Machado da Silva (M)

Entrevistadora – Rachel Viana (R)

Data – 14/08/2017

Local – São Paulo/SP

Duração – 1h05min

R- Bom, hoje é 14 de agosto de 2017, estou aqui com Luiz Antônio Machado da Silva. Tudo bem?

M- Tudo bem.

R- Expliquei já pra você o teor da pesquisa que é sobre o trabalho de campo, orientações teórico metodológicas de campo e também trocas intelectuais entre os Leeds e os cientistas sociais aqui do Brasil. Então, antes da gente entrar assim no cerne mesmo da pesquisa, queria que você falasse um pouco sobre a sua trajetória, né?

M - Eu entrei pra PUC em 1961, se não me engano. Na realidade, eu não decidi ir pra PUC. Eu tava perdido, {...} científico, eu não me dei bem, não gostava e não sabia o que fazer. Ia fazer concurso para..., concurso não, prova, pra... vestibular pra direito. Porque na época direito era uma alternativa as carreiras *hards*. Mas um dia na praia por acaso conversando com Otávio velho, que é meu amigo de infância no caso, ele disse que ia se inscrever no vestibular da PUC de ciências sociais. Aí eu conversei dois minutos com ele e “ah, eu vou fazer isso”. {risos}. Não sabia o que era, mas eu lia muito história, lia muito literatura, então quando eu comecei a fazer o curso, eu me encontrei, assim, ótimo e tal e aí {...} estudei bastante, fiz uma especialização na Bahia com prof. chamado Geraldo Semenzato. Foi... ele era professor da PUC e foi na Bahia, fez curso, que seria curso de mestrado, mas não houve massa {...}, aí eles baixaram nível pra especialização, e depois eu voltei, fiz o mestrado no Museu Nacional em antropologia, o doutorado em sociologia nos Estados Unidos, lá o mestrado na época, é... fiz dois pós-doc em Portugal: um com financiamento do CNPq e outro com financiamento do Instituto... instituto... Como é o nome? Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e quando eu voltei pro Brasil, depois do doutorado {...} doutorado bastante {...}, eu fui ser professor no IUPERJ onde fiquei trinta e uns quebrados anos. Quando o IUPERJ começou a não pagar mais o salário, eu passei pra essa situação que eu tô agora, de... Chama-se bolsista sênior, quer dizer, bolsista velho, né? {Risos}

R- Mas, sem o vínculo institucional, ou não?

M- Sem o vínculo, como bolsista sênior, porque eu não posso mais fazer concurso.

R- Ah, sim

M- Porque eu estourei a idade.

R- Hum...

M- Em 1986, eu fui professor do... É. Em 86 eu fui professor visitante da UFRJ e depois em 88 eu fiz concurso pra adjunto na época podia haver dupla filiação e fiquei lá até me aposentar, mas não fiz concurso particular, porque senão eu teria que sair do IUPERJ e eu não queria. É isso.

R – Certo. E, quando que você conheceu o Leeds? Em que situação?

M – Quando eu tava na faculdade, eu acho que eu já tinha voltado da Bahia, eu... por conta dos cursos do Museu..., eu já tava no Museu. Eu fiz um amigo que era Peace Corps e fazia o Museu, chamado Paul Silberstein.

R- Paul Silberstein.

M- Aí, através do Paul eu conheci o Tony e me engajei no grupo lá {tosse} do Tony. Se eu me lembro bem, isso foi no comecinho da faculdade da..., do mestrado e aí quando Tony vinha aqui, eu me dava com ele.

R - Isso foi em 65, 66...

M – Não, foi mais um pouco... acho que foi sessenta e...

R- 67...

M- Eu não tava no mestrado, não. Foi antes do mestrado. Não sei mais, mas eu acho que foi antes do mestrado, porque o mestrado eu entrei em 69 e sai em 71, mas eu já conheci o Tony.

R – De antes já, né?

M – É.... Eu acho que deve ter sido no final da faculdade.

R- Sim, sim...

M- Talvez {...}

R – E como é que você começou a pesquisar as favelas? Foi também nesse meio tempo?

M – Inteiramente por acaso. Porque quando eu tava na faculdade, o José Arthur Rios era professor na faculdade e foi convidado pelo Lacerda pra ser secretário de serviço social e {...} e chamou a Otávio e a mim pra sermos uma espécie de {...} e dar aula por ele. E nós dividíamos o curso de sociologia urbana com ele. Logo depois, ainda no finalzinho da faculdade, uma outra professora minha chamada Ana Judith de Carvalho, que foi pra França depois fazer o doutorado com o Lefevre e só que ela não terminou o doutorado. Ficou amicíssima do Lefevre, mas não terminou... não escreveu a tese. Voltou pro Brasil e a última coisa que eu ouvi dela foi que ela tinha escrito um livro de culinária {risos}. E o Semenzato virou artista de circo.

R Olha só!! {risos}

M – Só tinha maluco {Risos} a minha volta... É... então, a Ana Judith me chamou pra trabalhar com ela, ela... ainda não era secretaria de serviço social, era uma outra secretaria, não sei se secretaria de economia, uma coisa assim, que trabalhava com favela, fazendo pesquisa em favela, pra urbanização, desenvolvimento de comunidade, esse tipo de coisa. Aí eu fui e fiquei uns quatro ou cinco anos trabalhando.

R- Com a Ana Judith...

M- Nem bem com a Judith, porque Ana Judith viajou logo depois, mas eu fiquei no lugar dela... era um chefe de pesquisa muito vagabundo, eu era um chefe de departamento de pesquisa. Éramos eu mais uma outra.

R – Sim... Mas como era essa pesquisa que vocês faziam na época?

M – A gente fazia na realidade *surveys* pra...

R – Quantitativo...

M – É... pra...fazia desenvolvimento de comunidade, mas como eu era o chefe, eu supervisionava, chamava {pagava?} um monte de administrador. Eu ficava na favela pra administrar aquele pessoal. E aí eu fazia contato, conheci muito bem as favelas onde eu trabalhava, que eu circulava, muita gente

R – E esse... você falou aí, isso é um termo muito comum na época, né, essa questão do desenvolvimento e organização de comunidade, né? Inclusive tem vários documentos do Peace Corps e da ACB e todos eles tinham essa justificativa, né, essa coisa do desenvolvimento e organização de comunidade. O quê que era isso exatamente?

M – Justamente nos EUA tem um tipo de intervenção pública, tinha, não sei ainda tem, porque nunca mais estudei isso, mas naquela época um tipo de intervenção pública que eles chamavam de desenvolvimento de comunidade, *community development*, como uma parte das atividades do serviço social que era, vamos dizer, o setor institucional do governo federal e estadual lá. Quando veio o { ... } {problema/programa} da aliança para o progresso, a sustentação ideológica da intervenção pelo lado econômico era o fundo do trigo e tal, e tinha o outro lado, era a razão de ser, a filosofia do trabalho, era do serviço social, mas o serviço social tinha, vamos dizer, três ramos: serviço social de comunidade, era esse; serviço social de grupo, que era uma posição intermediária e também teve muita relevância pra atuação deles aqui no Brasil; e serviço social individual. O individual era uma coisa mesmo psicológica. Seria hoje a ideia de cuidado pessoal. Então o desenvolvimento de comunidade funcionava como guarda-chuva ideológico da aliança para o progresso. Consequentemente, do Peace Corps. Mas o Tony, eu nunca conversei diretamente sobre isso com ele, porque isso não me interessava, mas eu tenho a impressão que o Tony percebeu a idiotice que era aquilo tudo. E então ele pegou o pessoal que teria que fazer desenvolvimento de comunidade, que era, do ponto de vista dos americanos, era uma maneira de conhecer os países, de..., enfim os americanos tem muito isso... de conhecer o mundo... o imperialismo...

R – Ah, é claro! Fundamental pra eles...

M - Então, o Tony começou a usar esse pessoal pra pesquisa e ao mesmo tempo pra formar esse pessoal, não em serviço social, mas em ciências sociais. Ele tinha uma capacidade de agregação brutal. Todo mundo era um cachorrinho do Tony. Inclusive eu. {risos}

R- É mesmo? {risos}

M- E ele foi a pessoa mais importante na minha formação, sem nenhuma dúvida. E ele é isso.

R – Certo... e você então teve a oportunidade de trabalhar com ele em campo, né?

M – Ah sim, muitas vezes... muitas vezes e muitos locais também, né, porque ele... ele morava numa favela... no Tuiuti. Morava no Tuiuti

R – Sim, já morei lá também.

M- É?

R- É...

M – Conheceu aquela senhora? Dona... ah, ela já morreu...

R- Não... {risos}

M – Era uma senhora, mas ela se botava assim muito afirmativa e muito simpática também, ela..., eu não sei quanto anos ela tinha, ela devia ter mais de 50 anos. E, então ele me contou que fez uma entrevista sobre a vida sexual dela. {risos} como é que o cara consegue? É um milagre!

R – É um milagre dele!

M – Ele era realmente excepcional nesse tipo de coisa...

R – Na interação com os moradores?

M- É... tinha uma capacidade de estabelecer {...} que era impressionante. Até com um poste!

R – Até com um poste!! {risos} Mas como era o trabalho de campo em equipe? na organização do trabalho mesmo? Como é que era isso? Era pré-estabelecido? Saía em equipe? Saía um de cada vez?

M – Não, não, não... ele deixava, aliás eu pensando agora sobre isso, é o que eu faço com meus alunos, sem querer, nunca tinha juntado... ele deixava todo mundo inteiramente a vontade; e, claro, sugeria 'faça o diário de campo', e tal, 'não forcem a barra'... coisas mais triviais e óbvias, nada mais além disso, e conversava sobre o que as pessoas tinham visto, fazia pergunta e com isso a pessoa passava a saber, era uma coisa meio {...}. Foi o que me aproximou dele. Se ele começasse com muita, muito mandado, eu ia embora. Eu não ia aceitar, eu era muito rebelde. Eu não ia aceitar de jeito nenhum.

R – Mas, me diz, assim: vocês faziam trabalho de campo junto e tinha também o grupo de estudos, não é isso?

M – Esse grupo de estudos... Ele era um cara muito sistemático. O caráter sistemático do trabalho, ele passava dessa maneira.

R- No grupo?

M- No grupo. Ele reunia e nós todos conversávamos era uma conversa livre, como se fosse *free style*, entendeu?... e aí um dizia uma coisa outro perguntava, outro não sabia, o outro “Ah, pois é, lá em tal lugar, eu também eu vi isso”. E aí, nesse meio, ele sugeria leitura, mas muito pouca.

R – Pouca leitura...

M – Muito pouca leitura. Não era um grupo... sabe?

R- De estudo, sistemático, como é na academia normalmente...

M- Não, ele indicava pessoas, textos, mas assim pontualmente.

R- Era mais um espaço pra troca de experiências de campo, então.

M- É, exatamente. Mas acabava sistematizado, porque as perguntas e as respostas se cruzavam, e ele estimulava que cada um de nós tivesse um tema. Então, o cara que tem esse tema e mora ali, vai conversar comigo sobre o tema dele em outro local e aí fazia uma espécie de {...}. Era um sistema muito agradável, todo mundo ficava amigo, era todo mundo muito solidário, ele também muito solidário. Ele realmente interessava ver o que as pessoas estavam fazendo. E uma das coisas que a gente fez em conjunto, a gente, o grupo todo. Foi um maxi inter mega enorme questionário. Mas não era pra aplicar. Era pra ter memória do que poderia ser relevante em qualquer pesquisa. Entendeu? Eu me lembro... Na época, eu não pensei nisso, mas depois pensei. Quando o Howard Becker veio ao Brasil, o Gilberto me chamou, me apresentou a ele, e uma das coisas que ele disse e que tá presente num dos livros dele em português, é que quando ele saiu de Chicago, em Chicago ele achava que os *surveys* eram desnecessários e tal. Mas quando ele saiu de Chicago, ele percebeu como era importante, porque ele sempre, nas pesquisas que fez em Chicago, usava o Chicago {we...} *Survey*, que era a base quantitativa na cidade. Era mais ou menos {...} que a gente tava fazendo, mas sem a dimensão quantitativa. A partir de perguntas, ele tava sistematizando o leque de possibilidades de estudo sobre favela {...} naquela época, {...} mas tinha uma série de pressupostos empíricos... inclusive ele. Era um sistema muito interessante e era, eu acho, e era individual {...}. Nunca vi isso se repetir.

R- Essa forma de fazer pesquisa.

M- Esse formato. Eu tento fazer isso.

R- Mas não chega a ser exatamente quantitativo, né? você faz perguntas sobre pessoas, mas...

M- Por exemplo { .você já sabe. } eu tô estudando política. É importante saber qual é o seu partido. Aí, vai o outro e diz: é importante também saber como é que a pessoa chegou a escolher aquele partido. Aí, faz uma porrada de pergunta em torno disso, o outro diz: ah, mas { ... }. Era um troço imenso. Não era pra ser aplicado. Era pra sistematizar o conhecimento naquele momento.

R- Eu lembro, um dos documentos que eu peguei lá no acervo do Leeds, né. Eu fiz a identificação preliminar, né, passei por todo esse processo, tirei muita poeira, muito clips, grampo, já machuquei várias vezes, enfim... é legal até essa memória da pesquisa, né, e eu me lembro de ter visto um questionário, esse inclusive sobre formação de capital em favelas que eram 651 questões. Era um negócio enorme...

M- Mas isso... havia na época uma supervalorização da parte quantitativa. Na Bahia, esse curso de especialização que eu fiz era, eu e o Moacir, éramos orientados pela Maria Brandão

R- A filha do Thales

M- Sim... a filha do Thales... e a Maria, eu não sei como chegou à Maria, uma pesquisa internacional sobre a região do cacau com um questionário. Eu apliquei esse questionário na região do cacau ali perto de Salvador. Camaçari, por ali. Porque Camaçari é a base da Petrobrás e tinha { ... } na região do cacau. Numa das regiões do cacau na Bahia. Era impressionante o questionário. Perguntava quantos... Imagina! Eu não perguntava! Você chegava naquele casebre e perguntava: Quantos lençóis o senhor tem? Palavra! Era uma coisa absurda! Era um tremendo questionário enorme! Então, pra dizer que o Tony estava influenciado por esse tipo de coisa, mas ele era sensato, ele não queria aplicar o questionário... ele queria era articular o conhecimento possível sobre a favela

R- Sim... Ele chegou a fazer pesquisa lá no cacau, mas na região de Uruçuca. Não sei se Uruçuca é próximo ali de Camaçari

M- Isso foi antes..

R- Isso, década de 50, isso

M- É enorme! Eu nunca vi!

R- É enorme, eu vi lá no NAA, né, no Smithsonian... Eu vi, não o resultado final, vi os rascunhos, é um trabalho hercúleo, foi um trabalho hercúleo

M- Ele me mostrou a tese uma vez, mas eu falei: 'ah, Tony, eu não vou ler isso, não!' Primeiro porque não me interessava. Segundo, porque porra... ele era uma pessoa... era impressionante. Sabe aqueles cadernos? Aqueles blocos amarelos?

R- Sei... os blocos de papeizinhos amarelos do Tony¹

M- Ele tinha milhares de pedacinhos de papel

R- Eu sei { risos }

M- Ele anotava o diabo a quatro. Eu via ele anotando. O quê que esse cara vai fazer com esse pedacinho de papel? Não é possível que ele junta essa merda toda! Ele juntava!

R- A minha fonte de pesquisa são esses pedacinhos de papel aí, que vc tá falando { risos }.

M- { risos }

R- Aquela letrinha pequenininha...

¹ Em 2015, Machado fez uma menção aos “folclóricos papeizinhos amarelos do Tony” no texto “Anthony Leeds por um filhote ligeiramente rebelde”, apresentação da segunda edição do livro “A sociologia do Brasil urbano”.

M- É... {risos} é incrível!!

R- É, mas... {risos dos dois} a tese vai sair!

M- Agora uma coisa, pensando hoje, me espanta, é que ele tinha muita sensibilidade pros termos corretos, mas ele nunca se interessou pela linguagem.

R- É...

M- Uma coisa interessante, eu imagino que isso pode estar interligado ao fato de que ele se considerava marxista. Não era não, mas ele se considerava.

R- É... ele até tem uma parte na *Sociologia do Brasil Urbano*, que ele fala sobre a liberdade da linguagem, das gírias, das expressões...

M- Mas ele não dava peso a isso.

R- A seu ver, o que chamava mais atenção pra ele no trabalho de campo? No campo, o que você achava que interessava mais a ele? Que o olho dele brilhava mais?

M- Eu acho, eu não posso responder, porque acho que ele tinha um interesse tão plural, que ninguém podia saber o quê que o interessava mais. A mim, interessava usar esse interesse plural dele pra política. Mas eu acho que ele era um cara... isso foi justamente uma coisa que o Tony nunca teve: foi um foco muito articulado. Mesmo na cidade era um sociólogo urbano definitivamente, apesar da tese de doutorado do cacau, e tal. Mas você vê que ele não era só um sociólogo urbano. Ele era um sociólogo que estava estudando a cidade a partir de um certo {...} eu não sei explicar isso.

R- Então, voltando: seu interesse de pesquisa nas favelas foi a política.

M- O meu foi a política. Na realidade, tem um artigo que saiu publicado, que foi uma, como se chama isso? uma aula magna no curso de sociologia urbana da UERJ, já faz uns anos atrás. Tá na hora?

R- Não, não. São duas e quarenta e três ainda

M- Foi uma aula magna. E, pra essa aula, contei um pouco a minha trajetória, não institucional, mas a minha trajetória intelectual. Aí, eu {...} até hoje, eu gosto desse negócio, eu tentei fazer um paralelo entre as tendências dominantes dos estudos ao longo do tempo e os meus estudos ao longo do tempo. E coincide muito bem. Eu fui a vida toda uma espécie de 'Maria vai com as outras'... né?

R- {risos}

M- {risos} é verdade! Eu inicialmente, aí pra você ver que eu fiz: eu tava interessado em habitação, aí casa, habitações, a divisão de trabalho {construtivo?}, {distribuição}, aí passou essa época, teve uma época na teoria da marginalidade, depois a minha dissertação de mestrado. Aí eu comecei a fazer uma espécie de sociologia econômica da favela, que aliás eu tô organizando os textos pra fazer outra coletânea de mim mesmo. A primeira foi sobre política, agora eu tô fazendo essa sobre economia. Depois, passou o tempo, com a, não a redemocratização, mas o processo de redemocratização, eu passei a me interessar menos pela sociologia econômica e mais pela sociologia política das favelas e finalmente {...} eu não abandono as anteriores, mas eu simpatizo com a primeira. Então na época do Tony meu interesse era política

R- E como era, assim, a interação entre os pesquisadores no campo? Porque o Leeds ia a campo, né, mas não era só ele, né? Ele usava muito o trabalho de campo de outros pesquisadores que faziam parte da equipe, né, e se encontravam no grupo de estudos. E você falou que o grupo fazia com que todos ficassem amigos, um interagia com o outro... Mas vocês chegavam a se encontrar no campo, nas favelas e marcavam: ah, vamos fazer trabalho de campo juntos?

M- Não. A gente se frequentava. Eu nem posso dizer porquê... não sei porque por exemplo eu ia pra aquela favela no flamengo, eu fui várias vezes.

R- Tavares Bastos?

M- Não. Perto do metrô, mais perto... Não me lembro. Mas sabe? A gente ia, porque ia conversar com fulano, chamar fulano pra sair. Era comum, eu não sei porquê, eles deviam comer muito mal, mas era comum, quando começava o mês, vários fossem comer no restaurante mais caro. Então, a gente, eu fui várias vezes. Não tinha uma razão de pesquisa pra fazer isso.

R- E com os moradores, assim? Você lembra de algum morador que você tenha estabelecido uma relação de amizade?

M- Todos nós tínhamos, por emulação com o Tony, todos nós tínhamos pessoas centrais nas interações. No caso dos Peace Corps, 99% eram pessoas de onde eles moravam. Eles moravam nas favelas. Então eles faziam mais intimidade e tal. E no meu caso, eu fui fazer isso com vários porque eu tinha que ir as favelas pra resolver problemas. Teve uma época... onde é que eu tava? Eu tava na Providência? Não, tava no Bemdoc. Período lá que tinha 20 assistentes sociais que eu coordenava. E eu era muito moço, eu não coordenava nada! É... todo mundo da mesma idade, e eu dizia a todos: 'olha, não força muito a barra', porque a ideia do desenvolvimento de comunidade, central, era congregar os recursos da favela. Congregar os recursos da favela significava botar os agrupamentos juntos. Isso dava uma merda... era uma coisa mortal... Por fim, as assistentes sociais seguiam à risca essa ideia. Então botava assim, na mesma mesa, no mesmo nível de poder: associação de morador, bloco, clube de futebol, {...} é uma hierarquia de poder. Na época, associação de morador era a dona do morro, tudo passava pelo... eles não iam perder poder pra bloco de carnaval muito menos futebol. Isso dava uma atrapalhada e eu tinha que ir pra mediar. Uma vez, no Borel. O Borel é uma favela dura! No Borel, nós fomos expulsos.

R-É mesmo? O Bemdoc? A equipe toda do Bemdoc?

M- As assistentes, eram três ou quatro trabalhavam no Borel, talvez até mais. O Borel é grande, já era muito grande já... teve uma reunião lá que elas insistiram, e eu não consegui calar a boca delas e fazer uma reunião com todo mundo, aí a associação de moradores: "aqui vocês não entram mais". E nós tivemos que sair com o rabo entre as pernas. Depois eu voltei.. aí não foi mais...foi... não deu mais... era difícil, era muito complicado

R- Quanto tempo você ficou no Bemdoc?

M- Até acabar. Uns 4 ou 5 anos. Talvez menos, porque, vamos dizer, eu me formei em 64. É... Aí eu acho que eu fui pra Codesco em 69. O Bemdoc tinha acabado de acabar. Então, 4 anos

R- 68, por aí, né? A Codesco começou em 68 não foi, a Codesco?

M- Foi, mas eu fui mais tarde

R- E como foi a experiência no Bemdoc? Além dessa coisa de agrupar todo mundo, botar no mesmo pé de igualdade, dar essa atrapalhada toda fala um pouco de sua experiência no Bemdoc

M- A experiência é essa: tinha duas pessoas acima de mim uma era Nedi/Ledi Olinda Firmo não esqueci o nome dela, não sei porquê, era uma assistente social já coroa, mas ainda era relativamente moça. E uma outra senhora, que eu não me lembro o nome, tô vendo ela, mas não me lembro o nome, que era a chefona geral. Ela não era secretária, ela era chefe de alguma coisa ao qual eu estava subordinado, não me lembro. Acho que era Maria Judith o nome dela. Essa senhora tinha uma certa propensão política, e tal, mas a Ledi não tinha nenhuma. Ela, é... Não que eu batesse de frente com ela, porque a gente se respeitava e tal, mas era um descompasso total. Na realidade, a Ledi era uma espécie de... como é que se diz? Figura decorativa {...} porque ela não conseguia. Era muito bem-intencionada, boa pessoa, mas não tinha propensão política nenhuma. Depois eu soube pela... Encontrei com essa moça no Shopping Center. Eu fui ao médico e ela tava indo a outro. Se você quiser, depois eu pergunto a Pina, a minha mulher, que ela é amiga da Pina também. Essa mulher foi

encarregada de fazer uma avaliação do Bemdoc. Não é a que o Tony fez, não. Era outra avaliação. E ela me disse, quando ela soube, ela viu pelo nome que era eu, que a Ledi tinha muita mágoa minha, porque eu passava mesmo por cima dela e, lamento muito, mas ela tinha razão pra ter mágoa.

R- Qual era o prolema do Bemdoc que você pode hoje avaliar?

M- É uma ideologia que não faz sentido. Talvez faça pros americanos, lá, mas nos países sub, Sul Maravilha, não dá pra fazer o que era a proposta básica que é essa de homogeneizar liderança. Não é possível. As lideranças estão, por ser liderança, hierarquizadas e hierarquizantes. Não tem jeito. Não tem outra maneira de funcionar.

R- E nessa época tinha o Bemdoc, tinha ação comunitária do Brasil e tinha o Peace Corps também que fazia trabalho em favela...

M- A Ação Comunitária era muito pequena na época. Falava-se muito, mas era... A amplitude de atuação dela era muito limitada. Umas duas ou três favelas, no máximo.

R- Mas tinha quase o mesmo objetivo que era movimento e organização de comunidade, pra você assim, o que é que diferenciava a atuação do Peace Corps pro Bemdoc, pra Ação Comunitária?

M- O Bemdoc era uma espécie de braço menor da Aliança Para o Progresso, porque o dinheiro era da Aliança Para o Progresso. Então, o Bemdoc e o Peace Corps eram muito próximos, né. Eu não sei qual a razão pela qual foram dois, mas a mentalidade, o tipo de atuação era muito parecido. Os Peace Corps que faziam parte do grupo do Tony eram diferenciados por causa do Tony, eu já falei. Mas vê pelos outros, eles não são todos os Peace Corps e o papel dele era absolutamente informal. Ele não tinha nada a ver com os Peace Corps. Ele era... depois ele foi uma espécie de consultor, mas é outra coisa, ele não era quadro dos Peace Corps. E acho que muita gente e outros também que participavam. Aí, eu não sei, aí não sei se não participavam porque não queria, se não participavam porque o Tony não chamou, não sei. Mas tinham vários outros. E a Ação Comunitária tinha o mesmo objetivo. Mas eu acho que o patrãozinho lá de cima não era Aliança Para o Progresso, não. Mas aí eu não tenho certeza. Tinha muito pouco contato com Ação Comunitária, embora... ah não, não... eu ia dizer que tinha sido consultor de {}, mas não foi deles não. Foi da Action Aid. A Action Aid era diferente da Ação Comunitária. Quando eu tava nos Estados Unidos fazendo uns cursos do doutorado, nas férias em vim ao Brasil como consultor da Action Aid. Passei três meses em São Paulo pra fazer uma análise da atuação da Action Aid lá em São Paulo.

R- Aqui no Rio, quais as favelas que você mais estudou?

M- Olha, a favela que eu tinha o melhor contato foi um conjunto de quatro favelas: Centro, Rádio Nacional, Parada de Lucas e Vigário Geral. Por fim, eu fiquei amigão do Nailson, que era membro do Partido Comunista e presidente da Associação de Moradores de Vigário Geral. Então, eu ia muito a Vigário Geral, não só a trabalho, mas também pra trocar figurinha com Nailson e a gente, por fim, ele me chamava pra algum evento. A gente que queria ir de boeira mesmo. A mulher dele cozinhava bem pra burro. Cozinhava cada prato {...}.

R- Então você vivia lá em Vigário Geral, frequentava bastante.

M- Ia muito lá... Cordovil também, eu tinha muita relação. No Tuiuti, eu tinha boa relação com Flávio que era um dos principais informantes do Tony.

R- Flávio Romano?

M- É... o Flávio era impressionante. Ele... às vezes, sentado num bar, tomando cerveja com ele, lá no Tuiuti, ele pegou uma folha de papel de pão, um pedaço, e fez um desenho de todas as organizações políticas do Tuiuti. Impressionante.

R- Ele faleceu...

M- Se bem que a Liz me diz que ele não era do Tuiuti, ele era do Jacarezinho. Mas eu conheci ele fazendo isso no Tuiuti.

R- Como é que era a relação com ele? Como era o Flávio? Porque pra mim ele é um personagem importante nessa análise dos documentos todos, ele produzia... ele trabalhou um pouco pra ACB, produzia relatório de campo, você chegou a fazer campo com ele, entrevistar outros moradores com ele?

M- Não. Só batia papo.

R- Só batia papo... Como é que era ele? Bem-humorado?

M- Ele era sério, mas tinha espírito de humor, era muito inteligente nunca perguntei a ele não sei, mas eu acho que ele tinha mais instrução do que os mais instruídos. Ele era... ele era diferenciado, vamos dizer, articulação mental, de palavras...

R- Então ele foi um interlocutor importante pra você também na sua pesquisa.

M- Foi, menos do ponto de vista de adequação de informação e mais do ponto de vista de identificação de um perfil de liderança. Existe um tipo de liderança que... não é que seja carismático. Ele não era carismático. Não é que seja carismático, é que... como é que eu vou dizer? O nível de articulação intelectual torna a pessoa uma liderança, sem que ela seja uma pessoa carismática, sabe? Que você vê {...} todo mundo, o cara vai comendo pela beirada até se estabelecer. O Itamar aqui do Santa Marta é um exemplo. O Itamar Silva. Tá na hora?

R- Não, não, são 15:06... É quatro horas, né?

M- Quatro horas?

R- Quatro horas. Sairemos daqui o quê? Três e meia?

M- Três e meia. É... Eu só vou botar um tênis. Vou assim mesmo {...}.

R- No Santa Marta, a gente tava falando de Flávio Romano, no Santa Marta você falou que tinha outro interlocutor.

M- Mas isso é muito mais recente. Santa Marta por causa do Ibase. O Itamar ficou meu amigo, o Itamar ... ele era não sei o quê lá da Fundação Bento Rubião quando eu o conheci. Por conta dessas andanças dele, não sou capaz de dizer a razão das andanças {...} {pela primeira vez} mas depois ele saiu da Bento Rubião e foi pro Ibase. Ele tinha relação com Ibase a partir do Paulo Magalhães, foi... Sabe quem é Paulo Magalhães?

R- Não, não.

M- Paulo Magalhães, ele fez o mestrado no Museu Nacional e eu estive na banca. Ele foi orientado, não lembro se pelo Gilberto ou Otávio, não me lembro... Ele fez mestrado no Museu Nacional. Ele ia fazer doutorado comigo no IUPERJ. Eu não sei se começou e depois parou. Eu sei que fez concurso pra Caixa Econômica e ficou anos, se aposentou na Caixa Econômica. O Paulo é um cara de esquerda, assim, não foi do partidão, mas sabe, no... no entorno do partido? Tinha relação com o Ibase por conta do trabalho dele na Caixa porque era um trabalho que tentava articular, essas coisas do partidão... Então, ele, ele... junto com a Moema, que era alta liderança do Ibase da época do Betinho, ele articulou aquele negócio ali na Tijuca no... como é que se chamava? Como era o nome? Era importante eu me lembrar esse nome... que teve ali... então, ah... Memória... depois de velho... {...} Era uma coisa importante da região da Tijuca, da Grande Tijuca, que o Betinho inventou e quem tocava era a Moema e o Paulo ajudava. Eles fizeram dobradinha e me chamaram pra consultor e o Itamar já tava no Ibase quando fui ser consultor do Ibase. Ali eu aumentei a relação com ele. Nós ficamos amigos e a gente se encontrava sistematicamente. Tanto que, até hoje, ele é membro do meu grupo de pesquisa. A

gente tá sem pesquisa, mas ele é parte do meu grupo de pesquisa. O Paulo também. É... como é o nome do instituto? Eu vou descobrir... e te mando um e-mail. Por que que eu tava falando isso?

R- Eu tava perguntando como era a relação com os outros moradores que você teve, a gente tava falando do Flávio Romano, aí você começou a falar do Itamar...

M- O Itamar é outro perfil semelhante. Ele não é um cara carismático, mas ele tem uma representatividade intelectual, ele é ouvido pelo movimento de favela como um todo, muito... ele conhece muito bem... e o Ibase o que ele faz é esse tipo de articulação ele já deve ter uns, sei lá, uns dez anos

R- É isso. Vamos então dar uma parada aqui pra gente poder ir lá, tá...

M- Depois a gente marca outra

R- É... eu não consegui esgotar tudo. Obrigada, Machado!

M- Eu imaginava que era pouco tempo.

OBSERVAÇÕES:

1- Esta entrevista foi realizada na casa do Prof. Machado, em Copacabana, horas antes de uma reunião realizada na FGV com a Profa. Sônia Fleury. A entrevista começou pontualmente as 14 horas e foi terminada as 15:15, por conta do horário da reunião.

2- O áudio original tem muitos sons de tosse emitidos pelo interlocutor, que apresenta, já há alguns anos, alguma fragilidade em sua saúde física. Estes sons não foram completamente descritos na transcrição para não comprometer a compreensão da entrevista.

3- O espaço entre chaves representa palavras inaudíveis ou ininteligíveis. As palavras entre chaves são aquelas que não há total certeza de sê-la, mas grande probabilidade.

Segunda entrevista

Entrevistadoras: Nísia Trindade e Rachel Viana

Data: 07/05/2018

Local: IESP/UERJ

Duração: 1h42min

Nísia: Bom, Machado, nós temos conversado muito sobre o Anthony Leeds e essa entrevista então hoje tem o objetivo da publicação do dossiê. Então a gente queira que você começasse falando do seu contato inicial com o Tony, como se deu.

Machado: Eu conheci o Tony num determinado momento do meu trabalho, antes do mestrado, eu tinha que circular por favelas para selecionar para as favelas receberem dinheiro de intervenção de um órgão no qual eu trabalhava, se chamava Brasil-Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade - BEMDOC. Acabou que o Bemdoc só trabalhou com duas ou três favelas. Mas eu andei muito.

Nísia: Quais eram essas favelas?

Machado: Não me lembro mais. Não consigo me lembrar. Era um monte.

Nísia: Mas essas três selecionadas.

Machado: Me lembro especificamente uma, é Vila da Penha, eu fiz um survey para [?] Mas as outras duas ou três não sei. Nem sei se houve mesmo uma intervenção significativa. Na Vila da Penha houve. Mas comecei a rodar, aí conheci o Tony.

Nísia: Isso em que ano?

Machado: Foi antes do Museu, o Museu foi em 69, deve ter sido 68, 67 por aí. Nessa época eu não tinha muito contato com ele, tinha contatos esporádicos, mas não um contato mais sistemático. O contato aumentou muito quando eu fui para o Museu, e tinha, entre os Peace Corps que o Tony organizava e tal, tinha um cara que ficou muito meu amigo e morou na minha casa, Paul Silberstein, então ele me levou para as reuniões que o Tony fazia com os Peace Corps, e além disso teve o curso de Tony no Museu.

Nísia: Pois é. Eu queria até explorar um pouco o curso. Mas antes disso, só para a gente ficar com a entrevista mais completa, o seu trabalho no Bemdoc foi através de algum outro cientista social, foi uma seleção, como você chegou no Bemdoc?

Machado: Eu fui convidado para o Bemdoc. Mas eu era convidado como entrevistador, uma coisa menor, desse tipo, por uma professora minha, já morreu, chamada Ana Judith Carvalho.

Nísia: Que era da PUC?

Machado: Era da PUC. Ela tinha se formado na PUC. Eu tive duas professoras que foram ex-alunas da PUC na minha época. A Ana Judith e a Emília Amoedo* [4: 55]. Mas a Ana Judith eu tive um contato mais intenso por causa do Bemdoc. Mas eu não sei como ela foi parar lá, mas ...

Nísia: Não teve nada a ver com o José Arthur Rios?

Machado: Nada a ver. O José Arthur Rios, eu e o Otávio fomos monitores dele. Mas só isso. Ele morreu há pouquíssimo tempo, eu fiquei impressionado. Eu tive esse contato com o Caio nessa época, 64, por aí, 63. Aí passaram-se os anos, não tive mais nenhum contato com ele, até que o Mello organizou aquele seminário, eu ajudei, tal, Saiu...

Nísia: O Aspectos Humanos da Favela Carioca.

Machado: Nas reuniões preparatórias, eu fui a primeira, a primeira que eu fui, o José Arthur Rios já estava lá. Eu vim para ele porque a diferença de idade, ele era muito bem conservado, eu fui para ele, falei para as outras pessoas me identificar: “professor, eu sou...”, aí quando eu cheguei no meio, “Professor...” . “Pô, Machado, não fala assim comigo!” [risos]. Quarenta anos? Ele me viu menino!

Nísia: É que nem você, já tem quase 40 anos. [risos]. Muito bom. O arquivo dele está indo lá para a Fiocruz.

Machado: Ah, é? Que ótimo. Deve ser riquíssimo.

Nísia: Com certeza, muita correspondência. Eu tenho noção de parte pequena do que ele falava ou de entrevista que eu fiz, além de tudo.

Machado: Ele era muito articulado.

Nísia: Muito, muito.

Machado: Reacionário!!

Nísia: Mas é interessante, porque era um reacionário que teve uma visão de uma intervenção mais inteligente no caso do movimento...

Machado: Ele era reacionário, mas ele tinha um espírito público.

Nísia: É verdade. O que está faltando na sociedade de hoje. Ele tinha, publicava várias coisas. É só uma curiosidade. Então, não teve nada a ver com ele a sua ida para o Bemdoc, né? Mas você ia começar a contar do teu contato, você falou do Paul Silberstein.

Machado: Aí eu comecei a frequentar essas reuniões por causa do Paul e teve o curso dele que foi um sucesso enorme.

Nísia: Antes do curso fala um pouquinho dessas reuniões. Isso, você ainda não estava no Museu quando você começou a frequentar as reuniões?

Machado: Ainda não.

Nísia: E como eram essas reuniões, porque eu li naquele livro organizado pelo Sanjek, ele fala das reuniões, eu já vi várias referências, ele fala das reuniões no apartamento em Copacabana, sempre a gente ouve, mas fala da tua experiência, da tua vivência nessas reuniões.

Machado: Já não consigo nem lembrar disso.

Nísia: O que você lembrar, o que ficou. Que pessoas frequentavam?

Machado: Tinham vários Peace Corps. Não eram reuniões sistemáticas e não eram reuniões coletivas, e todo mundo entrava. Eram vários Peace Corps participavam da reunião, mas era meio oscilante, em diferentes lugares. Não me pergunte os lugares que eu não me lembro mais. Nessa época Tony não morava em Copacabana não, nem era casado com a Liz. Ele já namorava a Liz, mas ele morava... como é aquela favela que tem ali perto do Museu?

Rachel: Tuiuti.

Machado: Ele morava em Tuiuti.

Nísia: E eram lá as reuniões?

Machado: É. Eram reuniões para discutir o campo das pessoas que apareciam. Não sei se ele tinha a ideia de convidar especificamente as pessoas ou se era uma coisa... para mim era uma coisa meio aleatória. Era muito interessante. Conversas longas, demoravam duas, três horas e as pessoas apresentavam o que estavam fazendo, o que via, e o Tony reagia, sempre com aquele papelzinho amarelo, eu nunca acreditei que ele pudesse usar aquele negócio, mas ele usava, né? Ele botava em todos os bolsos. [risos]

Nísia: Que destino teria, né? Muito bom.

Machado: A gente dizia uma palavra que ele achava interessante, ele anotava.

Nísia: Um anotador compulsório. Mas ele usava muita coisa. Uma coisa que eu fico pensando, provavelmente isso também tinha a ver com a ideia de ter uma visão mais comparativa dessas experiências.

Machado: Para ele, certamente. Para nós, muito menos, porque... As vezes nem eram cientistas sociais.

Nísia: É, eles faziam o quê, esses Peace Corps?

Machado: Eles eram... Os americanos tinham aquele negócio do Fundo do Trigo, e o Peace Corps era uma retribuição da coisa do Fundo do Trigo. Não me lembro mais direito. Na época eu sabia, agora não me lembro mais. Eles vinham para cá para fazer desenvolvimento de comunidade, era um dos tipos de atividade do serviço social lá deles. Serviço social de desenvolvimento de comunidade, de grupo e de caso. No caso, era desenvolvimento de comunidade. Alguns se interessavam socialmente, não sei se tinha algum cientista social ali, a Liz deve saber muito melhor do que eu. E a gente conversava sobre o que rolava e o que cada um deles fazia. E o Tony estimulava, dava retorno.

E teve um momento específico, esse eu não participei, não me lembro porque, mas ele reunia um conjunto de... uma espécie de subconjunto dessa massa de Peace Corps para apresentar trabalhos num seminário pela América Latina, não sei para o que era exatamente. E aí, todos eles produziram. Eram seis ou oito, produziram textos.

Nísia: Daquele Centro Latino Americano de Pesquisa?

Rachel: Não, Congresso de Americanistas. Congresso Internacional de Americanistas, foi em 67.

Machado: Isso.

Nísia: Então deve ser daí a tua relação com ele foi por aí, não é?

Machado: Provavelmente não podia, porque eu trabalhava no Bemdoc.

Nísia: Aí não tinha possibilidade de você apresentar, pelo contrato?

Machado: Não, eu até poderia, mas não devia ter tempo. Eu não me lembro por quê exatamente.

Rachel: A sua inserção em campo então começou nesse período aí, 66, 67?

Machado: A minha inserção em campo começou exatamente em 65, que foi quando eu entrei para o Bemdoc. Eu fiz uma pesquisa de comunidade, quando eu estava no Bemdoc ainda, me chamaram na secretaria, era Secretaria de Economia do Estado da Guanabara, me chamaram para fazer uma pesquisa no Mangue, porque o Mangue estava para ser desativado e tal. Eu fiz uma pesquisa, vários meses, passava o dia inteiro lá, e eu fiz um relatório, até grande, eu me lembro do relatório, mas sumiu por aí. Tenho uma pena danada.

Nísia: Será que não encontra no arquivo do estado? É possível. Vamos falar com a Tetê.

Rachel: Na Aperj, né? É.

Machado: Eu não tenho nem a ideia, não era para o Bemdoc, era uma coisa para o estado, não sei nem qual era o órgão, não me lembro mais. Vai ser difícil achar.

Nísia: Você lembra do título, não precisa do título todo, claro, mas mais ou menos da pesquisa?

Machado: Sobre construção na Guanabara. [16:13]

Nísia: De repente a Tetê consegue pelo ano, tema.

Machado: Se vocês acharem... [risos] uma coisa interessante, é que o Bemdoc foi chamado pela Fundação Ford, o Tony foi chamado pela Fundação Ford para fazer uma avaliação do Bemdoc, mas aí nessa época eu já tinha saído. Acho que até tenho essa avaliação, está por aí. Mas quando o Tony fez a avaliação eu já não estava mais, acho que eu estava só no Museu.

Rachel: Nesse período que você estava no Bemdoc você teve contato com vários moradores, você não lembra mais com quantas favelas vocês trabalharam, não é?

Machado: No Bemdoc era uma coisa de serviço social, Fundo do Trigo, Peace Corps, Embaixada Americana no Rio, era um assunto de serviço social lá na embaixada. Eu conheci... ele veio fazer uma inspeção aqui, não me lembro o nome dele, o chefe para América Latina toda, chamado, não me lembro o primeiro nome, Ruybalid.

Nísia: Você cita no artigo “Filho Rebelde”.

Machado: Mas eu trabalhava nas favelas que o Bemdoc atuava, Vila da Penha, as outras não me lembro. Mas são poucas as outras. E além disso, eu rodava a favela para sugerir quais novas favelas seriam boas para o Bemdoc entrar, mas isso era um problema federal, porque as assistentes sociais eram, hoje em dia está muito mudado, mas na época eram muito bitoladas, a possibilidade de reflexão, de escrutínio, muito limitada e eu cortei um dobrado para evitar problemas políticos. Teve uma vez,

Borel, outra, me lembrei, mas no Borel não chegaram a começar, eu sugeri que o Borel tivesse uma taxa de luz e tal, aí foram as assistentes sociais, numa Kombi, para reunir lá embaixo e fomos andando para dentro, eu já tinha marcado um contato com a direção da associação de moradores, aí sentamos, as moças, assim, “ué, você tem essa organização aqui, não tem mais nada?”, aí os caras diziam: “Tem, tem um clube de futebol, tem não sei o que”, “então preciso trazer”, mas representando... olha, saiu uma brigalhada, eu não consegui evitar, e descemos correndo, correndo é modo dizer, mas rapidamente, porque o clima estava pegando fogo, e a associação defendendo o direito de representar.

Nísia: E hoje, nossa, se a gente pensar, perdeu totalmente essa força...

Machado: Mas tinha um líder. E o serviço social era reunir as organizações locais para decidir o que trazer, como se não houvesse hierarquia.

Nísia: Era o modelo americano que não tinha que ter uma forte...

Machado: Era uma coisa desgastante.

Nísia: Nesse período, só depois que você saiu, você teve então contato com Tony, muito em função da tua relação com Paul Silberstein e esse grupo de peace corps.

Machado: Não me lembro se já nessa época... eu acho que já tinha conhecido o Toni, mas não tinha contato mais próximo.

Nísia: Isso, acabou tendo mais nessas reuniões e no curso do Museu Nacional, que você ia falar. E sobre esse curso se fala muito pouco. Quer dizer, o Gilberto Velho cita num artigo que ele publicou na Mana, mas se fala muito pouco. E agora há pouco você tinha falado, foi um sucesso estrondoso. Fala um pouquinho do curso.

Machado: O curso tinha bastante gente, eu não fiz, acho que eu já tinha terminado o curso, mas sabia pelo Paul e eu de vez em quando ia, não ia a todas as aulas, mas tinha bastante gente e era uma coisa que mobilizava. O Tony tinha essa capacidade de fazer falar, então eram reuniões densas, e as pessoas falavam, foi muito bom o curso.

Nísia: Você atribui a que essa capacidade dele de mobilização? Era uma coisa de empatia pessoal, era do método de pesquisa?

Machado: Era um talento terrível.

Nísia: Carisma, não é?

Machado: Em cinco minutos conseguia uma relação íntima que eu levo dez anos para conseguir, era impressionante. A Liz deve ter te dito isso. Ele fez uma entrevista sobre a vida sexual daquela senhora de Tuiuti, esqueci o nome dela, [risos]. Saiu uma coisa inacreditável, eu não li, ele não me deu para ler, eu também não pedi, mas sempre ele fez.

Nísia: E o curso dele no Museu era sobre o que? Porque ele era um pouco crítico a essa ideia de uma antropologia urbana.

Machado: Mais amplo do que está fazendo. Durante muito tempo eu não tenho muita certeza, mas era mais amplo do que só favela. Acho que era uma discussão mais ecologia urbana. Ele se considerava marxista, mas ele tinha muita inclinação, era uma coisa da época, muita inclinação pelo raciocínio ecológico, de marxista tem muito pouco, a não ser a autoimagem, mas a ecologia tem muito. Se eu me lembro bem, o curso era mais sobre a cidade, desse ponto de vista ecológico. Uma coisa mais tipo [?].

Nísia: Você acha que essa era uma das influências mais fortes mesmo dele?

Machado: A ecologia urbana, nessa época, americana, ela é muito voltada para a solução de problemas públicos do ponto de vista hegemônico. Se pensava, os membros, se pensava como

auxiliares da administração para resolver pela profusão, que era [citado?]. Então era uma coisa muito limitada em termos de gestão, melhoramento da gestão da hegemonia. O [plágio] todo, o Tony era bastante científico. Provavelmente isso tem a ver, eu não sei, a ver com a autoimagem de marxista dele. Ele era muito crítico, e isso não é ecológico, na tradição ecológica.

Nísia: Uma outra coisa que eu não sei como você vê, ele também era muito crítico, pelo menos aparece isso nos textos da Sociologia do Brasil Urbano, aquela ideia de resistência a mudança, de cultura da pobreza.

Machado: Isso já é uma influência do Tony para o trabalho do Brasil, porque essas discussões sobre a mudança social, era uma espécie de prévia da discussão sobre desenvolvimentismo, estava começando o desenvolvimentismo. Essa coisa da resistência a mudança era no início e era uma discussão muito generalizada no Brasil todo e no Rio também. O Tony foi muito influenciado por isso.

Nísia: Mas ao mesmo tempo ele era crítico também a essa visão. Pelo menos nos estudos de favela isso aparece bastante. E você acha que essa crítica tem a ver com uma posição já teórica dele e também com uma vivência política nos Estados Unidos e aqui, como você vê?

Machado: Eu acho que deve ter a ver com a tomada de posição dele nos Estados Unidos. Porque ser marxista nos Estados Unidos naquela época era gritar sozinho. Então é mais um materialismo do que propriamente um marxismo. Mas ele se achava marxista, ele me disse isso várias vezes. Não que eu tivesse perguntado, ele é que dizia. Eu acho que por causa da leitura de Marx que ele fez nos Estados Unidos, referente a questões [28:57] nessa reflexão ecológica, de base ecológica. Essa base ecológica, não quer dizer que ele fosse um aficionado, mas era uma relação indireta que outros participaram.

Nísia: Ele anuncia que o interesse dele é de criar uma teoria mais geral e uma teoria em que a questão das classes sociais são centrais, mas não são os únicos atores.

Rachel: Porque ele fala em teoria do poder multiclasse. Ele via a questão da classe social de maneira bem mais complexa, que saia daquele antagonismo, aquela coisa dual do marxismo. Pelo menos assim eu entendi a preocupação dele.

Machado: Eu acho que o marxismo dele passou batido. [risos]

Nísia: E por um lado até uma posição, você fala isso no artigo, uma posição que não era antimarxista, para dizer no mínimo, e, ao mesmo tempo que mesmo com o materialismo, de alguma maneira estabelecia alguma relação com uma teoria da ação, que é o ponto que você coloca no seu artigo.

Machado: E na época, eu não sei quais foram as influências sobre o Tony Leeds, na época, tinha um nome, equivalente a várias razões, era o Parsons, mas tinha também a parte dominada que começava a ser autossuficiente, portanto não tem nada a ver com Althusser [31.21], porque ele estava preocupado com a ação e tal. Provavelmente ele deve ter algum parentesco com o Parsons, mas eu nunca identifiquei nos trabalhos dele que eu conheço, eu não conheço tudo evidentemente, mas nos trabalhos que eu conheço, não me ocorre essa influência do Parsons diretamente, mas o ambiente leva a isso.

Nísia: O ambiente, a agenda de discussões. E um pensador da época que teve bastante relação com ele, mas também a gente não tem elementos para avaliar o que isso pode se dar em termos de formação de um quadro teórico, foi o Karl Polanyi.

Machado: Karl Polanyi?

Nísia: É, porque trabalhou com ele em Colúmbia.

Rachel: Foram correspondentes.

Nísia: E a Liz diz que era alguém que ele... porque a Liz não tem interesses de discussão teórica, ela sempre teve um outro tipo de orientação, a questão central para ela sempre foi mais política pública, intervenção. Então eles também têm um desenvolvimento em alguns pontos como no caso da favela, muito construído juntos, e outros não. Mas ela diz que dos intelectuais que valorizava, o Polanyi era um, bastante central. Eu sei que eles trabalharam juntos.

Machado: Eu não sabia, ele nunca mencionou para mim.

Nísia: É, e eu acho que a Kate menciona isso também.

Rachel: Menciona. Eles tinham um grupo de estudos lá em Colúmbia com o Polanyi, que era sobre marxismo e neoevolucionismo também. Ele, estava o Morton Fried também, Marshall Sahlins.

Nísia: O Marshall Sahlins também. É, o Marshall Sahlins começa um trabalho dele, isso eu li numa tese da antropologia da boa vizinhança, não sei se você conhece essa tese, você conhece? É uma moça que defendeu com a Marisa Correa, e ela trabalhou com os antropólogos norte-americanos que vieram principalmente para os programas de saúde, o [Whyvaly]*, não me lembro todos. Mas é um pouco a orientação como você falou, do papel de... até de um tradutor quase que se atribui a antropologia, entre o poder do dominante e os grupos resistentes a mudança, vamos dizer assim, que é bem interessante. Quer dizer, acho que com esse trabalho da Kate e outros trabalhos, pode aumentar a referência sobre o pensamento americano, não é? A não ser os grandes teóricos, a gente acaba não discutindo tanto como se formam. Acho que é interessante também. Mas no curso do Museu a referência era mais ecológica, que você estava falando?

Machado: Me lembro como sendo, mas eu não assino embaixo porque já faz muito tempo.

Nísia: E assim, dos antropólogos da tua geração, quem fez esse curso, você lembra?

Machado: Eu acho que ninguém que eu tenha continuado contato, não me lembro.

Nísia: Que ali no Museu, não tinha pensado muito, a gente sempre fala dessa geração do Museu, no período inicial, porque você é da primeira turma do Museu?

Machado: Da segunda.

Nísia: A gente sempre fala do Otávio Velho, do Gilberto...

Machado: O Gilberto é da terceira.

Nísia: O Gilberto era mais moço, isso mesmo. A gente fala também do Carlos Nelson, mas eu nunca lembro da Alba Zaluar, por exemplo.

Machado: A Alba é da minha turma, da segunda turma. Na homenagem ela falou, no começo eu sempre pedia a ela para ler... foi muito boa a intervenção dela, eu vou trazer uma dobradinha, eu vou fazer um jogral. Eu ainda não tive tempo de pegar, mas eu já [li de novo]. Ela diz assim: Eu tive que fazer seleção, mas o Machado não teve. É verdade, porque eu fui chamado pelo Roberto, não fiz seleção nenhuma. Porque eu conhecia mais ou menos o Roberto, ele sabia que eu era bom aluno e tal, não só através de conversas comigo, mas através dos meus amigos que já estavam no Museu, o Octávio, o Moacir.

Nísia: Interessante, porque eu acho que a única coisa que eu li a esse respeito foi o artigo do Gilberto Velho, esse de 2011, que é um artigo que ele fala da construção do programa e ele menciona também o papel do Tony, o curso, mas também nem dá para ele se aprofundar muito. E você diz que foi um sucesso, a gente fica perguntando.

Machado: Você sabe, pelo menos eu gosto de aula que as pessoas falam, essa com o Tony era assim, não sei se essas reuniões que ele fazia era a mesma coisa, ele tinha uma capacidade de agregação, e de , como é que eu vou dizer?, manter o conjunto das falas mais ou menos organizado em torno do

grupo, que era uma coisa impressionante. Isso nas reuniões era assim, no curso era assim. Eu não fiz, então, eu não fui a todos, mas fui a várias sessões, então dava para ver.

Rachel: Aí ele pedia que vocês apresentassem as pesquisas que vocês já estavam fazendo ou...?

Machado: Que eu me lembro, ele começava falando, mas falava pouco, tipo meia hora, vinte minutos, e já nessa fala tinha a intervenção, então a coisa rolava.

Nísia: E as referências teóricas eram mais essa discussão ecológica? Você não vai lembrar disso.

Machado: Não me lembro. As vezes deve ter a ementa.

Rachel: Já peguei, mas não tem ali os textos, tem os pontos. Inclusive tinha uma outra disciplina que era ecologia humana, eram dois cursos, o de antropologia urbana e ecologia humana, mas não tem os textos.

Nísia: E uma outra curiosidade que eu fiquei. A orientação dos estudantes nessa época, a antropologia urbana não era dominante porque tinha o projeto em áreas camponesas, o projeto nordeste, tinha a questão indígena ainda.

Machado: No Museu tinha [Parabai]*, a pesquisa do Moacir, Moacir já estava no Museu, quer dizer, não foi nesses anos, foi um pouco depois. Mas nessa pesquisa do Moacir tem muita coisa urbana, o Moacir montou um tripé, era ele e o Afrânio na parte rural, e o Serginho, e aí o Moacir me chamou para ficar com o Sérgio na parte urbana. Tinha, sei lá, dez pessoas, era enorme, oito, seis pessoas trabalhando na área urbana. Era desequilibrado, tinha mais gente na parte rural, mas também na época precisava. E aquilo foi uma coisa muito importante para o Museu, aquela pesquisa. Deu um monte de teses, deu muita visibilidade.

Nísia: Mas isso já é um pouco depois desse período que a gente está falando. Porque no período de formação do Museu, a parte urbana ainda não era forte.

Machado: Logo no começo, não. Sempre tinha a parte urbana, eu acho que ninguém, eram muito poucos professores, [eu acho que ninguém?].

Nísia: E essa tua ligação mais forte com o Tony aí já estava estabelecida quando você começa o curso no Museu, foi ficando mais estreita?

Machado: Eu fiz o Museu na mesma época do curso de Tony, que eu me lembre. Eu fiz de 69 a 71. Os cursos de Tony, foi quando que você falou?

Rachel: 69. Primeiro e segundo semestre de 69.

Machado: Foi na mesma época.

Nísia: E dessa relação com ele o que você valorizou mais foi o ethos intelectual e a orientação para pesquisa.

Machado: É. O que me impressionava no Tony era estúpida capacidade de trabalho, a cabeça dele não parava, eu acho isso bacana, eu não consigo, então acho bacana. [risos] isso por um lado, por outro lado a capacidade de ser uma autoridade plenamente aceita, e vem discutir que o Tony era o cara. Mas ele se relacionava com as pessoas como se não fosse o cara. Não tinha nenhuma intenção de produzir melhor aquilo e era espontânea, natural, isso era sensacional. E é uma coisa que até hoje eu tento seguir de certa forma.

Nísia: Um modelo.

Machado: A figura do intelectual como eu gostaria de ser. Ele é uma espécie de pai intelectual latino-americano.

Nísia: Por essa atitude dele de relação com os alunos, com o trabalho. É uma coisa que eu também fico pensando quando a gente lê os relatos das reuniões e tudo, da relação com as lideranças comunitárias. Isso de fazer falar acontecia também? Havia uma coisa mais horizontal, você acha?

Machado: Havia. Ele tinha uma excelente relação com as ideias comunitárias sem se meter. Que eu saiba ele jamais disse “olha, eu acho que você deve...”, é uma outra coisa que eu acho sensacional. E ao mesmo tempo tinha uma excelente relação com os órgãos na ponta da administração. Todas as pessoas lidavam com ele muito bem, e não só respeito, mas admiração. Ele jogava para todas as plateias.

Nísia: Isso é interessante. Na sexta-feira, eu estive com a Eliana Souza no Observatório de Favelas, na Maré, e ela comentou comigo que os pais dela recebiam o Tony e a Liz na casa deles. Foram entrevistados também, eram lideranças comunitárias, eu acabei não pegando, depois não consegui falar com ela, o nome dos pais dela, eu nem sei se você chegou a conhecer. Na Maré. Ela falou: “eles vieram aqui muitas vezes, minha mãe fazia tapioca, eu era pequena”. Interessante isso. Não conhecia a história da família, da própria Eliana. Mas sempre fico pensando como era esse convívio, você fala, uma reunião que juntava todo mundo, mas as pessoas conseguiam falar, se colocar?

Machado: Uma outra coisa que eu acho muito legal do Tony é que ele estimulava o trabalho empírico, até [emocionado?] inconsciente eventualmente, mas ele insistia na fundamentação empírica do que era dito. No meu caso, sou meio sociólogo, meio antropólogo, para os antropólogos isso vai de si, a etnografia... mas para ciências sociais, não.

Nísia: A etnografia ali também era um pouco diferente do que se costuma ver no trabalho antropológico. Porque na verdade você tem um campo em vários lugares, que nem tudo feito por ele, naturalmente.

Machado: Mas a [gente] tem um nome para isso. Aquele francês, Michel Agier ele fala da antropologia multi estruturada.

Nísia: Mas na época não era comum.

Machado: Mas ele dava muita ênfase a esse trabalho corporativo por parte das comparações ecológicas, das áreas ecológicas.

Nísia: Que só era viável também se pensando ou numa rede de antropólogos, e aí tinha as relações com os pensadores do Peru, os antropólogos peruanos e outros que ele cita, e também com... mesmo que nem todos fossem cientistas sociais, de Peace Corps, outros que ele vai... com esse carisma...

Machado: Acho que não resta dúvida que ele usou os Peace Corps. Mas usou muito bem, muito respeitosamente, por exemplo, levando para o congresso. Mas porque se os Peace Corps funcionavam como os braços dele nas favelas, eu me lembro inclusive, [?].

Nísia: E naquele seu artigo da política na favela, nesse texto que você publicou na segunda edição da *Sociologia do Brasil Urbano*, você fala que você também, naquele texto, se beneficiou muito dessa interação, ainda que vocês tivessem perspectivas diferentes.

Machado: Eu até hoje faço *mea culpa*, que evidentemente eu tinha que ter citado o Tony, e não citei, [?], não me ocorreu.

Nísia: Não ocorreu. E essa influência que você vê, porque você era marxista, mas já incomodado, como você coloca no texto que você escreveu sobre ele, com o estruturalismo, com a determinação. Em que estaria essa influência do Tony naquele seu artigo?

Machado: Outras influências, mais de leitura e de contato com a realidade. Mas acho que o Tony... Essa distinção, por exemplo, sobre determinação e contingência, não era o tipo de preocupação que o Tony tinha, pelo menos na relação com a gente.

Nísia: Não sei como você vê isso, mas, por exemplo, uma coisa que eu acho que os primeiros estudos de favelas que eu li dos anos 50... mesmo o estudo da Sagmacs, e tem um texto até da Maria Isaura que discute também como a favela vai entrando como tema de pesquisa, que está *Brasil Sociedades Urbanas*, Caderno de Ceris, é muito essa associação pobreza-favela. Isso não é o seu texto, não tem essa embocadura orientando o trabalho, nem o Tony, ele não está falando de pobreza, ainda que a pobreza possa ser descrita, situações de pobreza, mas não é a pobreza que é a categoria central, não é isso, é a dinâmica da favela.

Machado: É.

Nísia: Isso era bem novo na época, não é? Essa forma de olhar a favela é nova.

Machado: Era nova. Essa maneira de ver as coisas, essa era uma maneira “tonyana”, ele não discutia pobreza, pelo contrário, ele discutia como as pessoas davam a volta por cima. Isso era uma das coisas que muito me aproximava dele, porque eu também via isso. Quando eu comecei a entrar em contato com ele, tal, eu já sabia por esse...

Nísia: É uma não vitimização, é um olhar que procura ver nessa intensidade essa vida. Agora, eram interesses muito diversos, não é? Por exemplo, eu li quando você falou desse interesse pela vida sexual, eu fiquei me perguntando, por que? Porque ele nunca escreveu sobre isso.

Machado: Vocês devem ter visto. Vocês têm um questionário hiper, macro que ele fez? Eu acho que eu tenho em casa, vou procurar aqui. Se eu tiver eu passo para vocês, que é bom botar no dossiê. Ele tinha um questionário que ele devia ter umas trinta páginas, era um troço... Eu me lembro que quando eu fui para os Estados Unidos, eu pedi uma aplicação de vaga, eu desisti, eu recebi [?] pelo correio. Quando eu vi aquilo, esse questionário era maior que um [?]. Tudo, o que você imaginar que pudesse existir, para uma relação, para bem material, para miséria, para qualquer coisa estava nesse questionário. Ele me mostrou. Eu disse: Tá maluco? Vai levar o resto da vida, pra uma pessoa, ele disse: “não é para aplicar, é para meu resumo, para não escapar.

Nísia: Era uma coisa absolutamente exaustiva, mas isso tem muito a ver com a metodologia dos estudos de comunidade, apesar dele negar isso, tem muito a ver, olhar tudo num determinado lugar, esquadrihar tudo.

Machado: Isso tem a ver também com uma coisa, mas eu acho que isso não é do Tony não, isso é dos americanos. Americano, ele não consegue, sei lá, por uma ética religiosa, ele não consegue fazer uma coisa mais ou menos, ele pode fazer mais ou menos, mas sem querer. No trabalho acadêmico é um sentido de responsabilidade que é doentio, as pessoas para escrever um negócio, tem que escrever aquele negócio da única maneira possível de sair bem. Era o caso do Tony, ele era assim. Eu acho que é uma espécie de [timidez?] [56:41] virado ao contrário. Ninguém poderia, por exemplo, interpelar o Tony sem que ele tivesse uma resposta a altura. Isso é bacana, mas eu não queria isso para mim. Pode ser mais relaxado [?], esse excesso de responsabilidade eu não acho legal, mas ele tinha. Isso fazia com que ele tivesse uma capacidade de trabalho braçal, porque para ser assim o cara tem que trabalhar o dia inteiro, dia e noite.

Nísia: Vai dormir pensando. E você teve esse contato com ele nesse período das reuniões com o Peace Corps e depois no Museu Nacional, depois ele volta para os Estados Unidos, vocês se mantêm em contato?

Machado: Não. Eu só tive contato com ele aqui no Brasil. Seria por carta. Eu não ia escrever cartas pro Tony. Perder tempo. Perder tempo de nada, não sei nem se [?].

Nísia: Mas quando você estudou nos Estados Unidos, você fez mestrado lá, você não teve nenhum contato com ele?

Machado: Não tive nenhum contato com ele. Eu estava muito longe, eu estava na costa leste. Meu inglês é péssimo, até hoje, é ridiculamente ruim, eu coleí na prova para o Toefl, Então não sabia nada de inglês. Eu tinha uma dificuldade muito grande, já preparado esforço, fiz muito rápido pra poder...

Nísia: Para voltar logo [risos].

Machado: Foi uma besteira enorme, e também demorando horrores para defender a tese, que eu comecei no Iuperj, mas não dava tempo pra... nem com Paul Siberstein eu tive contato, ele me deu uma máquina de escrever elétrica, eu não tinha dinheiro para comprar e mais nada. E foi roubada a máquina.

Nísia: Eu me lembro que em 86, ele retornou, acho que ele ficou um período no Museu Nacional, foi isso?

Rachel: O ano de 87 que ele retornou.

Nísia: Mas em 86 eu acho que ele veio, não sei se foi 86 ou 87, você vai saber melhor do que eu, eu estava fazendo a orientação com você, do mestrado, aí você falou para mim, você vai ter a oportunidade de conhecer o Anthony e a Liz Leeds, mas era mais o Anthony. Eles estavam... você me deu o contato, não me lembro como... acho que você me deu um telefone, me disse que eles iam estar no hotel, e aí eu fui me encontrar com eles no hotel, em Copacabana, e fui com eles para o Museu Nacional. Me lembro da reunião no Museu Nacional, talvez ele estivesse retomando para esse curso que ele deu, e aí eu nunca esqueci duas coisas. Eu estava com uma camiseta e tinha alguma coisa escrita em inglês, eu comprei mais pela cor do que pelo que estava escrito, e era uma coisa, sei lá, alfabeto, uma coisa sem importância. Aí ele falou assim, ele ficou lendo, “mas como vocês tem camisetas aqui ...” eu falei, é verdade, depois ele fez outros comentários. Mas o que me chamou mesmo atenção na reunião, que não houve apresentação das pessoas. Era o Gilberto que coordenava. Na minha imaginação, que também já tem muito tempo, o Gilberto fumava um cachimbo durante a reunião, em 86 pode ser, não é?

Machado: O Gilberto fumava.

Nísia: É? Pode ser pura imaginação também, não sei quanto é real. Mas eu me lembro bem que ele pediu para eu dizer os nomes, ele pegou um papelzinho assim, das pessoas que estavam. “Me diz os nomes das pessoas que estão aqui nessa sala”. Eu dei para ele, fiz a lista dos nomes, uma ou outra pessoa que eu não conhecia. E eu achei interessante porque teve uma rodada de falas e quando ele se referia a pessoa, ele falava pelo nome. Isso me marcou, porque isso era uma certa etiqueta que na minha cabeça não estava muito ligada nisso, e que certamente tem a ver com essa característica que você falou de estar sempre muito atento ao outro e de buscar envolver. Eu nunca esqueci disso, eu tomei como uma certa lição, a preocupação. Porque não era só se situar, porque isso ele podia fazer depois, mas é para interagir na própria reunião. Tenho essa lembrança muito forte. A Liz estava também nessa reunião. E esse ano que ele passou aqui, vocês tiveram mais contato?

Machado: Que eu me lembro, a última vez que eu tive contato com o Tony, ele morava em Copacabana, no posto 12, acho que era na Duvivier, num apartamento velho, mas muito bom, grande, eu fui jantar lá com ele e a Liz, foi a última vez que estive com ele. Mas não me lembro se era em 87, não sei. Mas ele não passou muito tempo nessa [vez/viagem]* não. Passou a ponto de alugar um apartamento, mas não foi uma espécie de um ano, um período mais curto. Eu já achei ele, assim, meio envelhecido em relação as outras vezes que tive contato com ele. Mas normal, as pessoas envelhecem, mas acho que pouco depois ele morreu.

Nísia: Claro. É ele morreu em 89.

Rachel: Fevereiro de 89.

Nísia: E você também fala no texto, nesse que a gente publicou na segunda edição da importância da Liz no trabalho dele, no trabalho de favelas, no caso. Como você vê essa importância, o que você acha?

Machado: A Liz sempre foi [?] uma pessoa muito reservada, ela não é tímida, mas reservada, nunca tive muito contato com ela. Tive muito contato com ela, mas ela sempre muito [a segunda figura]*. Mas com toda certeza, parte do trabalho de campo que o Tony achava necessário para a reflexão dele, uma parte significativa, foi feito pela Liz, e como o Tony era muito aberto, não fazia questão de direitos autorais e tal, ela [aproveitou coisas importantes?]*, certamente em conversa com ele, mas eu nunca vi o Tony conversando sobre texto da Liz. Obviamente, considero logo que era comum, corrente, mas eu nunca vi. [65: 46]

Nísia: Uma outra pessoa que eu vi que publicou com ele, mas eu nunca li o artigo que está relacionado aquele texto sobre carreiras que está na *Sociologia do Brasil Urbano*, foi a Carolina Bori, que eu não sei se você teve contato.

Machado: Não conheci, mas era importante na época.

Nísia: E uma coisa que chama atenção nesse texto, para mim, é que ele coloca que muitas das pistas, que eu acho que as conversas para ele funcionavam assim, para entender a sociedade brasileira, quem poderia ser informante especial, e um é o Anísio Teixeira, que a gente não chegou a pesquisar como era essa relação entre os dois, mas que ele atribui um papel bem importante ao Anísio, e que ele que teria dado algumas pistas sobre a questão do autodidata, como era essa questão de carreiras no Brasil, do acesso à carreira, dos contatos, das panelas, são as categorias que ele usa. Mas também sobre isso, vocês certamente nunca devem ter discutido muito. Sobre esses intelectuais brasileiros que teriam influenciado ele, você tem alguma ideia sobre isso?

Machado: Não, mas eu acho que sobre carreira, acho que ele não cita, mas teve influência daquele americano, como é o nome dele? Eu tô velho. Nome é uma coisa que eu não consigo gravar. [Man at work]* [67:47] Ele fala da carreira, mas não com esse nome, com o nome de profissão, a profissão tem um sentido amplíssimo, e tem a ver com esse texto sobre carreira do Tony. Não sei se ele leu ou se conhecia ou se é por acaso, mas tem a ver. Se for falado, você vai se lembrar na hora.

Nísia: É aquele de referência a sociologia das profissões, é esse?

Machado: É.

Nísia: Também esqueci o nome.

Machado: O nome do livro é [Man at work]

Nísia: Não estou lembrada. Agora, você comenta que esse ambiente cultural latino-americano teria sido importante para o desenvolvimento dos trabalhos do Tony, não é?

Machado: É. Essas distinções sobre a teoria da modernização, não para aderir, mas justamente para criticar, foi muito importante para o Tony. A cultura latino-americana e brasileira, com certeza.

Nísia: Vocês também não chegaram a discutir nada que você lembre muito intenso sobre isso?

Machado: A gente não discutia os sistemas analíticos, a gente discutia as superações empíricas, era uma insistência velada, porque era proibido na discussão mais analítica, mas era o que a gente fazia.

Nísia: O que mobilizava era essa, e o que ele também estava interessado em orientar, que eram essas experiências de campo, a empiria com que vocês estavam trabalhando. Isso é bem interessante. Sabe que uma coisa, acho que não tive oportunidade de te dizer isso, não sei se Rachel teve, no arquivo e no trabalho dela, tem um esquema do Flávio Romano, nossa, eu li aquele esquema só pensava em você.

Machado: Esse cara era incrível.

Nísia: Incrível, mas esse esquema a gente tem que trazer para o Machado, tirar uma cópia e trazer para você.

Rachel: Tem.

Machado: Eu conheço o texto.

Nísia: Não é o texto, é um esquema, é um mapa. Você conhece...

Machado: Ele sentou comigo. É um outro, mas é o mesmo. Ele sentou comigo uma vez. Eu acho que foi no Tuiuti. Mas a Liz disse lá...

Nísia: Jacarezinho?

Machado: No Jacarezinho.

Nísia: Ele era do Jacarezinho. Talvez vocês tenham se encontrado no Tuiuti.

Rachel: Ele circulava as favelas, ele trabalhava para ACB, ele era um cara articulado com outras...

Nísia: Fala só, ACB, Agência Comunitária...

Rachel: Ação Comunitária do Brasil,

Nísia: porque a sigla depois mata na hora da transcrição.

Machado: Uma vez eu sentei com o Flávio, tomando uma cerveja, ele pegou um papel de pão e desenhou todo o esquema da política. Eu acho que era no Tuiuti... A Liz me disse que era no Jacarezinho.

Nísia: Jacarezinho?

Machado: Se fosse. Era um sociólogo, antropólogo, etnólogo, e de mão cheia, impressionante.

Nísia: Eu fiquei impressionada também com o pouco que eu vi no arquivo, e ainda tinha num desses esquemas, estava burguesia favelada, vai ver que foi nesse dia que tomou cerveja com você. [risos] Eu falei, caramba, o Machado... eles devem ter tomado uma cerveja, vocês deviam estar pensando no artigo... [risos]. E ele era frequente nessas reuniões que o Tony promovia?

Machado: Não me lembro, acho que não.

Nísia: O contato devia se dar lá mesmo, outro circuito, mas era uma pessoa incrível, que certamente...

Machado: Ele morreu, não é?

Nísia: Morreu. Em 78 quando o livro é publicado, *A Sociologia do Brasil Urbano*, ele já tinha morrido.

Machado: Morreu cedo.

Nísia: Cedo. O Tony dedica a ele, dedica a várias pessoas e agradece.

Rachel: “Falecido amigo, Flávio Romano que não pode despontar por conta da estrutura de classes no Brasil”. Não é só no *Sociologia do Brasil Urbano*, tem outros trabalhos também que ele menciona e agradece Flávio Romano.

Nísia: Tem a correspondência, tem tudo isso. Mas voltando ao teu Tony, como você diz, do Museu Nacional mesmo, não foi tão forte assim a tua interação com ele, é mais... essa abordagem, também esse modelo...

Machado: A minha interação com ele foi mais junto com os Peace Corps.

Rachel: No campo mesmo, trabalhando?

Machado: Que me marcou mais. O Tony com os Peace Corps, foi muito importante para mim.

Rachel: E você chegou a ir a campo com ele, com outros pesquisadores também nesse período?

Machado: Ele ia no meu campo, quer dizer, nós nos encontrávamos no meu campo.

Rachel: Ah, sim, não era nada marcado.

Machado: Batia, nunca combinamos. Não andávamos de braços dados...

Rachel: [risos] entendi.

Nísia: Vocês estavam ali, vocês estavam fazendo a pesquisa e era uma interação que acontecia e mais os encontros que ele promovia. Isso durante um período de uns dois anos mais ou menos, bem intensos.

Machado: Mais ou menos. Ele vinha sincopadamente ao Brasil, não sei as datas. Quando eu estava na Codesco, no momento ele estava no Brasil e eu na Codesco, a gente ia, eu, Carlos Nélon, a Sílvia Wanderley, Rogério Aroeira. Rogério ou Roberto? Acho que é Rogério, e tinha uma moça muito apagada também ia, mas não me lembro, o nome do escritório do Carlos Nelson era Quadra, por causa dessas quatro pessoas. Acho que o Tony já estava no Brasil em algum desses momentos, a gente rodava também muito para escolher favelas independentes, que pudesse entrar. Mesmo esquema.

Nísia: Do Bemdoc você...

Machado: Só que era muito mais sofisticado porque no Bemdoc era eu sozinho, na Codesco eram os quatro da Codesco e eu também, cinco cabeças para conversar. Eu devia ter guardado as anotações, mas eu não tinha o TOC. [risos]

Nísia: E você foi muito próximo ao Carlos Nélon?

Machado: Muito.

Nísia: Eu me lembro de você me apresentar a ele.

Machado: Eu morei na casa do Carlos Nélon, quando eu me separei da minha primeira mulher. Aconteceu um absurdo. Eu tinha sido aprovado para a Rutgers mas eles perderam meu *application*, aí tive que adiar a minha ida. O Roberto, santo Roberto, me arranhou uma grana da Fundação Ford para fazer uma pesquisa, eu resolvi fazer uma pesquisa sobre feira, o Moacir e o Afrânio falavam sobre feira, mas teve um intervalo de tempo que eu estava separado, não podia ir para os Estados Unidos e não podia pegar trabalho nenhum, ia viajar, aí eu morei uns três ou quatro meses na casa dele. Para você ver o grau de intimidade.

Nísia: E o Carlos foi próximo do Tony também, de alguma forma?

Machado: Eu acho que ele conhecia o Tony, mas não era próximo não.

Nísia: Ele começa a se interessar por antropologia nesse trabalho da Codesco, não é?

Machado: É.

Nísia: Porque ele começa como arquiteto.

Machado: Ele queria fazer planejamento participativo, literal, participativo mesmo, e aí eu também me entusiasmei com a ideia e a gente discutia muito. Ele dizia: “sociólogo se formava para formar outro sociólogo”.

Nísia: Ah, é, isso está na introdução do livro, muito bom, eu usei isso muito com aluno, para discutir isso, qual era nosso papel.

Machado: Mas a minha forra é que ele diz num dos livros dele, que foi fazer doutorado em antropologia por minha causa.

Nísia: Muito bom, isso mesmo. E uma curiosidade que eu tenho, que critérios eram usados para saber em que comunidade trabalhar ou valia a pena, o Bemdoc primeiro e depois a Codesco?

Machado: Dois blocos de critérios vitais [79:44], não vou me lembrar, me lembro da [ideia geral], um eram as condições físicas, a medida em que fosse uma favela urbanizável, e isso dependia da situação física da favela. Mas não era só as situações físicas, [?], era isso, mas era também a possibilidade de rearranjar fisicamente [?], abrindo área para passar carro, uma porção de detalhes.

Nísia: Circulação.

Machado: Isso era o lado físico, o outro era o lado mais sociopolítico, primeiro, se fosse favela mesmo, não fosse uma favela muito urbanizada, porque as favelas mais antigas não tinham sentido de fazer intervenção nessa, tem que derrubar casa e a maioria das casas já eram de alvenaria, seria contraproducente fazer uma intervenção. E a dimensão política, que não fosse favela, internamente uma favela. Na época havia muitas associações de moradores, era força social muito grande. Várias favelas tinham brigam homéricas, as vezes eram duas associações, e as vezes a mesma associação tinha uma projeção enorme, não permitia um planejamento participativo do tipo desse, e era a ideia. [?], não sei onde está, uma coisa que nós tentamos, mas nunca descobrimos um padrão para analisar, para as casas que queriam permanecer no local, ele pedia... Ele pedia que um morador esquematizasse uma planta, então temos para uma favela, isso umas 300 plantas feitas pelos moradores sobre como gostariam que fosse a casa depois da transação toda. Isso está em algum lugar. Era um trabalho estúpido juntar aquilo, ver como era, quanto custaria. Mas foi numa favela que não chegou a ser urbanizada. Não me lembro qual.

Nísia: A que foi urbanizada foi Brás de Pina.

Machado: Braz de Pina, Morro União também.

Nísia: Aliás, essa é uma curiosidade que eu tenho, voltando ao Tony, como ele lidou com a questão das remoções no período da pesquisa que vocês estavam...?

Machado: Altamente crítico.

Nísia: Isso eu sei, mas vocês tiveram problemas por conta dessa política de remoção nessa época que você estava fazendo pesquisa, ele também?

Machado: Ele tinha uma entrada muito boa, muito respeito e confiança dos políticos da favela. Para mim também não teve problema. Não sei se as remoções interferiram no trabalho reflexivo dele, não sei.

Nísia: Também porque elas se tornam mais intensas um pouco depois, também tem isso. Foi principalmente 68, 69 que elas se tornam, aí já tem muitas, essas da zona sul, da Lagoa, pode ser isso também.

Nísia: Você tem alguma questão para colocar?

Rachel: Olha, mais assim, voltando as agências internacionais. A seu ver, hoje, você analisando, como você avalia assim, que contribuições essas agências trouxeram efetivamente para as favelas nesse período?

Machado: Eu tive oportunidade de lidar com as antigas assistentes sociais, e por esse intermédio eu li bastante sobre a literatura americana sobre serviço social em comunidade. É um desastre a atuação do pessoal, não resultou em absolutamente nada de relevante, nada. Não foi dinheiro jogado fora porque esse dinheiro era americano, foi desapropriado, mas já era americano, mas o trabalho era zero a esquerda. A Inter American Foundation a mesma coisa. Quando eu estava nos Estados Unidos, um americano lá me perguntou se eu não queria vir ao Brasil, nas férias de julho, era para fazer uma avaliação do trabalho da Inter American Foundation numa favela de São Paulo, não me lembro mais

o nome. Nada. Quer dizer, não era o órgão, mas era a ideologia, não a teoria, era ideologia pura. A ideologia não funciona, nesse estado. O pessoal da Inter American Foundation tinha uma associação brasileira, não vou me lembrar como se chama.

Nísia: Vou pegar uma água para você, tem aqui no corredor?

Machado: Mas tinha um órgão brasileiro que tentava fazer isso também. Nada feito. Enfim, sempre um esforço desperdiçado.

Rachel: Nem assim, para produzir conhecimento sobre favela também?

Machado: Não. Para produzir conhecimento, aí não é atividade, mas é o participante pode ou não produzir conhecimento. Os participantes, por parte desses órgãos, que são assistentes sociais, 90%, os 10% restantes seriam consultores, economistas, não apita nada. Agora elas são diferentes, mas naquela época... Nada.

Nísia: Água estava vazia a garrafa na geladeira, não vi bebedor, trouxe água de coco.

Machado: Eu estava dizendo que essas associações todas funcionaram, para mim, um zero a esquerda. Se as pessoas dessas assistentes sociais, fossem suficientemente esclarecidas, aí produziram conhecimento, pelo menos, mas não era o caso. Me lembro de uma que era, mas essa era uma exceção de todas as exceções, que é a Ana Maria Quiroga. Ela rodou pelo mundo [?] foi para Paraíba, ela foi também, voltou, rodou e se apresentou na UFRJ no departamento de Serviço Social. Mas quando ela estava no Serviço Social já era outra coisa o órgão. Estava o Luciano.

Nísia: Luciano? Foi aluno aqui? Que traduziu Gramsci?

Machado: É.

Nísia: [risos] É, foi. Luciano Coutinho não é que é do BNDES. Esqueci.

Machado: Ele foi aluno do Werneck, mas não chegou a ... não precisava mais.

Nísia: Muito amigo da Sonia Fleury, me lembro dele. Mas eu sei quem é sim.

Machado: Por falar na Sonia, como está a transação para o dicionário?

Nísia: Nós estamos trabalhando para levar, teve até uma reunião sexta-feira, o dicionário de favelas para lá e para ela ficar como colaboradora no Centro de Estudos Estratégicos da Fiocruz. Está certo, só estamos vendo detalhes pequenos, orçamento. Qualquer coisa a gente vai fazer algumas coisas mais em etapas com o dicionário, mas nós vamos assumir institucionalmente, isso já está decidido. Quando a gente tiver com as coisas mais acertadas, a gente vai fazer a reunião do conselho, aí você vai ter que ir a Manguinhos [risos] A reunião vai ter que ser lá.

Machado: Arranjei para as [APMs] fazerem um [?] sobre segurança pública, mas está suspenso porque, esperar essa migração para [desenrolar]* lá.

Nísia: Mas não vai demorar muito não. A Sonia esteve lá na sexta-feira com um grupo, que é o centro de informação científica lá, que eu também estava vendo, para não ficar uma coisa solta na presidência comigo, acredito que quando ela voltar de viagem, ela vai ficar um tempo com a filha, as netas, quando ela voltar, a gente via fechar isso. Acho que até início de junho a gente tem isso resolvido.

Machado: Ótimo.

Nísia: Muito bom. Ela estava tão preocupada com o filho dela, o dicionário, ela foi me procurar. Eu falei, vamos conversar, Sonia. Porque Sonia tem uma experiência tão grande em produção em políticas sociais.

Machado: [?]

Nísia: Muito importante, é. Eu ia te perguntar também, Machado, uma coisa assim que eu tenho curiosidade, estou pensando nisso agora e estou fazendo uma pesquisa sobre isso. No mesmo período que está se discutindo na sociologia a questão da favela, você tem desde o final dos anos 50, teatro, cinema, uma produção bem significativa sobre isso. Desde o Guarnieri, Nelson Pereira dos Santos, você teve algum contato com essa turma nessa época? Eram mundos totalmente diferentes.

Machado: Mas o Melo, por exemplo, teve muito contato com o Nelson Pereira dos Santos, hoje o cara tem um apelido esquisitíssimo.

Nísia: Eu nunca tive muito contato com o Melo, na verdade.

Machado: Tem um apelido esquisito, fez vários documentários em favela. O Melo[?]

Nísia: Eu vou procurar por ele. Outro dia até te conto com mais detalhe.

Machado: Agora, não nessa época. Eu fui professor do Melo, o Melo tinha 20 anos, eu tinha 35, sei lá, por aí. Então ele teve contato com essa gente bem mais tarde.

Nísia: Ah, mais tarde. Porque é muito próximo, quer dizer, o trabalho na época que você fez com que... estava muito próximo.

Machado: Quando eu me aposentei da UFRJ, ia me aposentar automaticamente. Pensei, poxa, eu fiz concurso para entrar, tem que fazer um ritual qualquer para sair. Aí chamei a Márcia Leite e o Melo para junto comigo a gente bolar três cursos. Deveriam ser quatro, mas um não tinha fôlego para isso: A favela por favelado, A favela por pesquisadores, e A favela [?], deveria ter um próximo, que era A favela por gestores, mas a gente não tinha perna para isso. Além disso [?] de estado. Nós fizemos isso, era uma [reunião] numa sala enorme, um salão enorme [?] favelado dando aula para pós-graduação.

Rachel: Maneiro, hem.

Nísia: Eu lembro desse curso, você chegou a falar comigo, e eu acabei não participando de nenhuma das seções, mas me lembro que ficou bem bacana.

Machado: Devia estar [?]

Nísia: É acho que foi.

Machado: A gente fez a favela contada por [?]. E aí tinha nessa época, luz e filme. Tinha o filme do Nelson Pereira dos Santos, e a Favela...

Nísia: Cinco vezes favela.

Machado: E tinha música também. Ótimo, na escola de música. Eu gravei tudo, mas era um garoto que estava gravando, perdi tudo.

Nísia: Perdeu tudo? Ahh, a gente podia recuperar pelo menos o programa. Depois com o programa as pessoas podem escrever um texto para se preparar. Vê se você localiza o programa para a gente.

Machado: [?] [risos]

Nísia: Você acha até no computador, manda para a gente o programa, que depois a gente com calma a gente pode ver o que a gente recupera.

Rachel: Refazendo tudo. [risos]

Nísia: Refazendo, é. E você chegou a ter... Você perguntou pelas agências internacionais, a Unesco, no final dos anos 50, tinha um pesquisador vinculado a Unesco que fez um estudo, eu já vi citado em alguns lugares, eu mesma não li, que era sobre favelas, a recuperação do favelado pela educação, alguma coisa assim, Andrew Pearse.

Machado: O Centro latino-americano teve uma pesquisa, um seminário financiado pela Unesco, não sei se é esse. Eu tenho até o livro. Chama não sei o que, não sei o que, chama Resistência a Mudança.

Nísia: Ah, sim, esse eu já vi. A Gláucia me emprestou esse livro uma vez, é o Seminário de Resistências Culturais a Mudança. Uma parte tinha texto sobre favela. Na época era 62. Não me lembro se era o Manuel Diegues Júnior que era o coordenador ou se era o Medina.

Rachel: Era o Diegues, porque nesse período ele estava correspondendo com o Tony, o Tony estava na OEA.

Machado: Estou me lembrando, eu também tenho, se chama Urbanização e alguma coisa que não me lembro. Na época paralela, quase... tipo 62, eu vou ver em casa, esse está fácil de achar porque há pouco tempo mexi nele, deixa eu escrever aqui.

Nísia: Não é o papelzinho amarelo... [risos]

Rachel: Está chegando lá.

Machado: [risos]

Nísia: A gente estava falando do projeto no Nordeste, não sei se você viu a tese do Lucas no IFCS. Você viu Machado, uma tese sobre o projeto Nordeste orientado pelo André Botelho?

Machado: Nordeste? Não.

Nísia: Eu esqueço o nome da tese, mas tem uns três anos, um orientando do André Botelho, o Lucas, não lembro sobrenome também, depois posso te passar. Qualquer coisa na edição da entrevista, porque a Rachel já tinha começado, então o que a gente vai fazer, nós vamos fazer uma edição, porque para publicação, é uma apresentação também do Tony, que um pouco já estava na outra e acho que está bem situado também. E aí a gente vê a entrevista da Liz também, vou combinar com o André como fazer e você vê.

Rachel: Está legal.

Nísia: Mas vai ficar bacana.

Rachel: Encerro aqui.

Nísia: Acho que sim.

***o mais próximo do que foi possível ouvir.**

[?] inaudível